

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# Quem cuida de quem cuida? Sofrimento docente, trabalho emocional e produção de subjetividades na educação infantil

Daniela De Maman

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17207>

Submetido em: 2026-07-29

Postado em: 2026-08-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA? SOFRIMENTO DOCENTE, TRABALHO EMOCIONAL E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela De Maman<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9258-7974>  
[danielademamam@gmail.com.br](mailto:danielademamam@gmail.com.br)

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão, Paraná, Brasil.

**RESUMO:** Inspirado na problemática do cuidado e do desamparo presente na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, este artigo analisa processos de produção e invisibilização do sofrimento docente na educação infantil. O estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto “Subjetividade na Contemporaneidade: o eu e o eu social” e contou com a participação voluntária de dez professoras acompanhadas ao longo de um ano letivo. Metodologicamente, adotou-se a cartografia como perspectiva de investigação, articulada à realização de entrevistas semiestruturadas. A análise evidenciou que o sofrimento docente é produzido em meio a relações complexas envolvendo trabalho emocional, responsabilização pelo cuidado, intensificação das demandas institucionais e crescente platformização das práticas escolares. Os resultados indicam que, embora as professoras sejam continuamente convocadas a acolher e cuidar de crianças e famílias, seus próprios processos de sofrimento tendem a permanecer invisibilizados ou naturalizados nos contextos educacionais. A interlocução com a obra de Jorge Amado possibilitou problematizar formas contemporâneas de desamparo que atravessam o trabalho docente e os processos de produção de subjetividades. Conclui-se que compreender o sofrimento docente exige ultrapassar abordagens centradas exclusivamente no indivíduo, considerando as condições institucionais, relacionais e subjetivas que configuram o trabalho na educação infantil contemporânea.

**Palavras-chave:** Sofrimento docente; educação infantil; cuidado; subjetividade; cartografia.

### WHO CARES FOR THOSE WHO CARE? TEACHER SUFFERING, EMOTIONAL LABOR, AND THE PRODUCTION OF SUBJECTIVITIES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

**ABSTRACT:** Inspired by the themes of care and abandonment explored in Jorge Amado's novel *Capitães da Areia*, this article examines processes involved in the production and invisibilization of teacher distress in early childhood education. The study was conducted within the project “Subjectivity in Contemporary Times: the Self and the Social Self” and involved the voluntary participation of ten early childhood teachers followed throughout one academic year. Methodologically, the research adopted cartography as an investigative approach, combined with semi-structured interviews. The analysis revealed that teacher distress is produced through complex relations involving emotional labor, responsibility for care, intensification of institutional demands, and the growing platformization of educational practices. Findings indicate that, although teachers are continually expected to care for children and families, their own experiences of suffering often remain invisible or naturalized within educational settings. The dialogue established with Jorge Amado's literary work enabled a critical discussion of contemporary forms of abandonment affecting teaching work and processes of subjectivity production. The study concludes that understanding teacher distress requires moving beyond individual-centered approaches and considering the institutional, relational, and subjective dimensions that shape teaching in contemporary early childhood education.

**KeyWords:** Teacher Suffering; Early Childhood Education; Care; Subjectivity; Cartography.

## **¿QUIÉN CUIDA DE QUIENES CUIDAN? SUFRIMIENTO DOCENTE, TRABAJO EMOCIONAL Y PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDADES EN LA EDUCACIÓN INFANTIL**

**RESUMEN:** Inspirado en las problemáticas del cuidado y del desamparo presentes en la novela *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, este artículo analiza los procesos de producción e invisibilización del sufrimiento docente en la educación infantil. El estudio se desarrolló en el marco del proyecto “Subjetividad en la Contemporaneidad: el yo y el yo social” y contó con la participación voluntaria de diez docentes acompañadas durante un año lectivo. Metodológicamente, se adoptó la cartografía como perspectiva de investigación, articulada con entrevistas semiestructuradas. El análisis evidenció que el sufrimiento docente se produce en relaciones complejas que involucran trabajo emocional, responsabilización por el cuidado, intensificación de las demandas institucionales y creciente plataformización de las prácticas educativas. Los resultados indican que, aunque las docentes son continuamente convocadas a cuidar y acoger a niños y familias, sus propios procesos de sufrimiento suelen permanecer invisibilizados o naturalizados en los contextos escolares. El diálogo con la obra de Jorge Amado permitió problematizar formas contemporáneas de desamparo que atraviesan el trabajo docente y los procesos de producción de subjetividades. Se concluye que comprender el sufrimiento docente exige superar enfoques centrados exclusivamente en el individuo y considerar las dimensiones institucionales, relacionales y subjetivas que configuran la docencia contemporánea.

**Palabras clave:** Sufrimiento docente; Educación infantil; Cuidado; Subjetividad; Cartografía.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo insere-se nesse debate ao analisar experiências de sofrimento docente vivenciadas por professoras da educação infantil participantes do projeto “Subjetividade na Contemporaneidade: o eu e o eu social”. Desenvolvida ao longo de um ano letivo, a pesquisa contou com a participação voluntária de dez professoras e foi orientada pela perspectiva cartográfica, articulada à realização de entrevistas semiestructuradas. Tal abordagem possibilitou acompanhar narrativas, experiências e sentidos produzidos pelas participantes em seu cotidiano de trabalho, atentando para as relações entre cuidado, sofrimento, reconhecimento e desamparo que atravessam a docência contemporânea.

A interlocução com *Capitães da Areia* não pretende estabelecer equivalências entre os personagens do romance e as participantes da pesquisa. A obra é mobilizada como dispositivo analítico capaz de iluminar questões relacionadas ao cuidado, à invisibilização e às formas contemporâneas de desamparo. Se, na narrativa de Jorge Amado, o abandono emerge como problema social que atravessa a vida de crianças e adolescentes, neste estudo interessa compreender como determinadas experiências de vulnerabilidade podem manifestar-se no cotidiano de profissionais cuja principal função consiste justamente em cuidar. A metáfora permite deslocar o olhar para as condições de existência de professoras que sustentam redes de proteção e acolhimento, mas que frequentemente encontram escassos espaços institucionais destinados ao reconhecimento e ao cuidado de si.

A partir desse enquadramento, o artigo busca responder à seguinte questão: como o sofrimento docente é produzido, invisibilizado e administrado no cotidiano de professoras da educação infantil? Ao analisar as experiências narradas pelas participantes, pretende-se contribuir para os debates sobre saúde mental docente, trabalho emocional, cuidado e subjetividades na contemporaneidade,

evidenciando a necessidade de ampliar os espaços de escuta, reconhecimento e suporte destinados àqueles que, diariamente, assumem a tarefa de cuidar dos outros.

## **ENTRE O CUIDADO E O DESAMPARO: SUBJETIVIDADES DOCENTES NA CONTEMPORANEIDADE**

Em *Capitães da Areia*, Jorge Amado retrata a experiência de crianças e adolescentes que vivem à margem das estruturas responsáveis por sua proteção. Embora situada em outro contexto histórico e social, a obra permite refletir sobre uma questão que permanece atual: os efeitos produzidos quando sujeitos responsáveis pelo cuidado deixam de ser efetivamente cuidados. Não se trata de estabelecer uma equivalência entre os personagens do romance e as professoras da educação infantil, mas de reconhecer na metáfora do desamparo uma possibilidade de problematizar experiências contemporâneas frequentemente invisibilizadas. Nesse sentido, a pergunta que atravessa este artigo: quem cuida de quem cuida? Emerge como uma questão central para compreender os processos de sofrimento docente na educação infantil.

A legislação educacional brasileira reconhece a indissociabilidade entre educar e cuidar como princípio estruturante da educação infantil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) reafirmam a necessidade de compreender a criança em sua integralidade, articulando desenvolvimento, aprendizagem, proteção e cuidado. Tal compreensão ampliou significativamente o campo de atuação das professoras, que passaram a assumir responsabilidades que ultrapassam os limites tradicionalmente associados ao ensino.

Na prática cotidiana, isso significa que as professoras da educação infantil são convocadas a acompanhar processos de desenvolvimento, acolher demandas emocionais, mediar conflitos, dialogar com famílias, produzir registros, responder a exigências institucionais e adaptar-se às transformações tecnológicas que atravessam a escola contemporânea. O cuidado deixa de constituir apenas uma dimensão do trabalho docente e passa a configurar uma exigência permanente, mobilizando tempo, afetos, atenção e disponibilidade emocional.

Entretanto, a ampliação das responsabilidades atribuídas à docência não foi necessariamente acompanhada pela criação de condições institucionais capazes de sustentar tais demandas. Estudos nacionais e internacionais vêm apontando o crescimento de situações de desgaste, sofrimento e adoecimento entre profissionais da educação. Assunção e Abreu (2019) destacam que as condições de trabalho dos professores brasileiros são marcadas pela intensificação das atividades, pela sobrecarga laboral e pela ampliação de exigências que impactam diretamente sua saúde. Em perspectiva semelhante, relatórios recentes da Organização Internacional do Trabalho (ILO, 2022) e da UNESCO (2023) indicam que a profissão docente enfrenta desafios crescentes relacionados à valorização profissional, às condições de trabalho e à permanência dos profissionais na carreira.

As revisões realizadas por Gomes et al. (2023), Silva et al. (2023) e Santos (2024) evidenciam que o sofrimento docente não pode ser reduzido a características individuais ou fragilidades subjetivas. Entre os fatores mais frequentemente associados ao adoecimento encontram-se a intensificação do trabalho, a pressão por resultados, a sobrecarga emocional, a precarização das condições laborais e a responsabilização crescente dos professores por problemas cuja origem ultrapassa o espaço escolar. Tais estudos revelam que o sofrimento docente constitui um fenômeno complexo, produzido na articulação entre condições objetivas de trabalho e experiências subjetivas vividas pelos profissionais.

De acordo com Gomes et al. (2023):

Evidências científicas apontam para uma associação entre os fatores psicossociais do trabalho e o adoecimento de professores. Predominaram na amostra estudos que constataram a presença de adoecimento mental e físico entre professores que relataram baixo apoio social, sobrecarga de trabalho, alta demanda e menor controle no trabalho (Gomes et al. (2023), p. 07).

Nesse debate, as contribuições de Codo e Jacques (2002) e Dejours (1992) permanecem fundamentais ao evidenciar que o trabalho não produz apenas bens e serviços, mas também efeitos sobre os modos de sentir, pensar e existir. O sofrimento emerge quando os sujeitos encontram obstáculos persistentes para atribuir sentido às suas experiências ou quando as exigências do trabalho ultrapassam suas possibilidades de elaboração e reconhecimento. Mais do que um fenômeno individual, trata-se de uma experiência produzida em relações sociais, institucionais e afetivas.

Contudo, compreender o sofrimento docente na contemporaneidade exige avançar para além das análises centradas exclusivamente no adoecimento. Nesse ponto, tornam-se relevantes as contribuições de autores que problematizam os processos contemporâneos de produção de subjetividades. Para Han (2017), a sociedade contemporânea caracteriza-se pela substituição progressiva das formas disciplinares por regimes de desempenho nos quais os indivíduos são permanentemente convocados à produtividade, à adaptação e à autossuperação. Nesse cenário, o esgotamento deixa de ser percebido como efeito de imposições externas e passa a ser frequentemente interpretado como fracasso individual.

As reflexões de Foucault (2004) permitem compreender que os sujeitos são constituídos por práticas, discursos e relações de poder que orientam modos específicos de existência. A docência, nesse sentido, não corresponde apenas a uma função profissional, mas também a um conjunto de expectativas, normas e responsabilidades que produzem determinadas formas de subjetivação. As professoras são continuamente convocadas a constituir-se como profissionais disponíveis, cuidadoras, acolhedoras e emocionalmente capazes de responder às múltiplas demandas que atravessam o cotidiano escolar.

Essa discussão aproxima-se das contribuições de Deleuze (2002; 2011) e Spinoza (2016), para os quais a vida social é atravessada por encontros que ampliam ou restringem a potência de agir dos sujeitos. As experiências de sofrimento não podem ser compreendidas apenas como estados individuais, mas como efeitos produzidos nas relações estabelecidas com pessoas, instituições, normas e condições materiais de existência. A pergunta relevante deixa de ser apenas porque os sujeitos sofrem e passa a incluir quais encontros favorecem a expansão ou a diminuição de suas possibilidades de ação.

Nessa mesma direção, Sawaia (2009) destaca que processos de exclusão e sofrimento ético-político são produzidos em contextos marcados por desigualdades, invisibilizações e negações de reconhecimento. Já Safatle (2015) propõe compreender o desamparo não apenas como condição de fragilidade, mas como experiência constitutiva da vida social e política. Para Safatle (2025):

É possível dizer que o poder nos melancoliza e é dessa forma que ele nos submete. Essa é sua verdadeira violência, muito mais do que os mecanismos clássicos de coerção e dominação pela força, pois trata-se aqui de violência de uma regulação social que leva o Eu a acusar a si mesmo em sua própria vulnerabilidade e a paralisar sua capacidade de ação (Safatle, 2015: 83).

Tal perspectiva oferece uma chave importante para pensar o trabalho docente contemporâneo. Embora ocupem posição central nas redes de cuidado que atravessam a educação infantil, muitas professoras experimentam formas de desamparo institucional expressas na insuficiência de espaços de escuta, acolhimento e reconhecimento de seus próprios sofrimentos.

Por fim, Larrosa (2019) lembra que a experiência corresponde àquilo que nos acontece e nos transforma. Considerar as experiências docentes implica reconhecer que os processos de sofrimento não se esgotam em indicadores objetivos ou diagnósticos clínicos. Eles se manifestam em narrativas, afetos, silêncios, resistências e modos singulares de habitar o trabalho.

É justamente nesse território situado entre o cuidado e o desamparo que este estudo se inscreve. Ao investigar experiências de professoras da educação infantil, busca-se compreender não apenas os fatores associados ao sofrimento docente, mas os modos pelos quais ele é produzido, vivido, significado e enfrentado na contemporaneidade. Mais do que identificar sintomas, interessa acompanhar processos de subjetivação que revelam as tensões existentes entre a responsabilidade de cuidar dos outros e a escassez de condições institucionais destinadas ao cuidado de si.

## **CARTOGRAFANDO TERRITÓRIOS DE CUIDADO E DESAMPARO**

Assim como Jorge Amado percorre, em *Capitães da Areia*, os territórios existenciais de sujeitos frequentemente invisibilizados pelas narrativas oficiais, este estudo buscou acompanhar experiências de professoras cujos processos de sofrimento permanecem, muitas vezes, silenciados no cotidiano escolar. Não se tratou de revelar uma verdade oculta sobre a docência, mas de acompanhar percursos, afetos, tensões e sentidos produzidos nas experiências vividas pelas participantes.

Orientado por uma abordagem qualitativa, o estudo buscou compreender experiências, significados e processos construídos pelas professoras em seus contextos de atuação. Conforme assinala Minayo (2014), a pesquisa qualitativa permite aproximar-se dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, favorecendo a compreensão de fenômenos complexos produzidos nas relações sociais. Tal perspectiva mostrou-se pertinente para investigar o sofrimento docente não como atributo individual, mas como experiência atravessada por condições institucionais, afetivas e históricas.

O estudo integra o projeto *Subjetividade na Contemporaneidade: o eu e o eu social* e foi desenvolvido com dez professoras da educação infantil pertencentes a diferentes instituições de ensino de uma região do sudoeste do Paraná. A participação ocorreu de forma voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo às diretrizes éticas vigentes para estudos envolvendo seres humanos.

A produção dos dados ocorreu ao longo de seis meses letivos de 2025 por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas individualmente com as participantes. As entrevistas abordaram aspectos relacionados ao cotidiano escolar, às demandas de cuidado, às condições de trabalho, às vivências de sofrimento e às estratégias construídas pelas professoras para enfrentar os desafios da profissão. Mais do que obter respostas a questões previamente definidas, buscou-se criar espaços de escuta capazes de acolher narrativas sobre experiências frequentemente naturalizadas ou invisibilizadas nos contextos educacionais.

Foram convidadas professoras atuantes em 25 instituições de educação infantil da rede pública municipal. A participação ocorreu de forma voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo que 10 professoras aceitaram participar da pesquisa. Em consonância com a perspectiva cartográfica adotada, o interesse da investigação não esteve centrado na constituição de uma amostra numericamente representativa, mas no acompanhamento dos processos de subjetivação, afetos e experiências que emergiram nos encontros produzidos ao longo da pesquisa. Para garantir o anonimato das participantes e preservar os princípios éticos da investigação, as professoras foram identificadas no texto por meio de numeração sequencial (Professora 1, Professora 2, Professora 3 e assim sucessivamente). A utilização desses códigos buscou evitar qualquer possibilidade de identificação individual, deslocando o foco analítico das trajetórias particulares para os movimentos coletivos, territórios existenciais e processos cartografados a partir das narrativas e dos registros do diário de pesquisa.

Como perspectiva metodológica, adotou-se a cartografia proposta por Passos, Kastrup e Tedesco (2014), compreendida como acompanhamento de processos em movimento. Diferentemente de abordagens voltadas à representação de uma realidade fixa, a cartografia procura acompanhar os modos pelos quais os fenômenos se produzem, atentando para relações, afetos, intensidades e deslocamentos que emergem ao longo do percurso. Em diálogo com Rolnik (2016), cartografar significou acompanhar territórios existenciais, observando os modos pelos quais as participantes produziam sentidos para suas experiências de trabalho e para os desafios cotidianos da docência.

Nesse percurso, o diário de pesquisa constituiu um dispositivo fundamental para a produção dos dados e para o exercício cartográfico. Após os encontros e entrevistas, foram elaborados registros narrativos contendo falas, impressões, questões emergentes, afetos mobilizados e reflexões produzidas no contato com o campo. Conforme destacam Lima Costa e Farias (2024), os diários ocupam lugar relevante nas pesquisas em educação por possibilitarem o acompanhamento de processos e a construção de registros que ultrapassam a descrição factual dos acontecimentos. Na mesma direção, Oliveira e Barbosa (2022) compreendem o diário de pesquisa como uma forma de narrar a experiência investigativa, tornando visíveis percursos, encontros, inquietações e movimentos que atravessam o trabalho do pesquisador.



A escrita produzida ao longo do diário foi compreendida como instrumento de registro, e como parte constitutiva da própria produção do conhecimento. Em consonância com Kastrup (2023), a escrita cartográfica foi entendida como prática de elaboração da experiência e de construção coletiva de sentidos. Segundo Kastrup (2023):

Durante uma pesquisa, sempre estamos envolvidos com narrativas: quando escrevemos diários de campo, entrevistamos, trabalhamos com grupos e manejamos a presença e participação de múltiplas vozes. Em todas essas situações se está em jogo uma política de narrativa, bem como nos artigos e textos que trazemos resultados da investigação (Kastrup, 2023, p. 163).

Escrever implicou acompanhar movimentos, registrar deslocamentos e produzir reflexões sobre os processos que emergiam nas narrativas das professoras. Assim, entrevistas, diário de pesquisa e escrita cartográfica constituíram um mesmo plano metodológico, permitindo mapear as narrativas das professoras relacionados ao cuidado, ao sofrimento e ao desamparo.

A análise foi desenvolvida de forma processual e concomitante ao trabalho de campo. As entrevistas foram transcritas e analisadas em articulação com os registros produzidos no diário de pesquisa, buscando acompanhar recorrências, singularidades, tensões e deslocamentos presentes nas narrativas das participantes. Em consonância com a perspectiva cartográfica, não se pretendeu organizar os dados em categorias previamente definidas, mas acompanhar os movimentos pelos quais determinadas experiências emergiam e adquiriam significado ao longo do percurso.

Mais do que identificar causas ou explicar fenômenos de maneira linear, a análise buscou compreender como diferentes processos de subjetivação atravessavam as experiências relatadas. Nesse sentido, os resultados apresentados nas seções seguintes correspondem à cartografia de narrativas produzidas no encontro entre professoras, pesquisadora e campo investigado, evidenciando as tensões situadas entre o cuidado e o desamparo que marcam a docência contemporânea na educação infantil.

## **CAPITÃES DA AREIA: CARTOGRAFIAS DO CUIDADO E DO SOFRIMENTO DOCENTE**

As narrativas produzidas pelas professoras participantes revelaram experiências marcadas por tensões entre cuidado, sofrimento, reconhecimento e desamparo. Organizados em três territórios analíticos, os movimentos identificados expressam diferentes modos pelos quais as docentes vivenciam a ampliação das demandas de cuidado, a invisibilização do sofrimento e a construção cotidiana de estratégias de permanência e resistência na profissão.

A Figura 1 constitui um dispositivo visual de inspiração cartográfica que sintetiza os movimentos analisados neste estudo. A areia, elemento central na obra Capitães da Areia, é mobilizada como metáfora dos territórios existenciais percorridos pelas professoras da educação infantil. Longe de representar sujeitos individuais ou situações específicas, a imagem busca expressar a instabilidade dos caminhos produzidos entre cuidado, desamparo e resistência no cotidiano escolar. O percurso em direção à instituição escolar, continuamente atravessado por marcas, apagamentos e deslocamentos, remete aos processos de subjetivação cartografados ao longo da pesquisa, evidenciando que o sofrimento docente não se constitui como experiência isolada, mas como produção coletiva atravessada por relações institucionais, afetivas e políticas.

**Figura 1** - As areias do cuidado: cartografia do sofrimento e da resistência docente



Fonte: elaboração da autora inspirada na escrita cartográfica e na metáfora da areia presente na obra Capitães da Areia\*, de Jorge Amado

Os territórios apresentados no Quadro 1 não correspondem a categorias fixas nem a etapas sucessivas da experiência docente. Foram organizados para fins analíticos a partir das narrativas produzidas pelas participantes e expressam diferentes forças que atravessam o cotidiano das professoras da educação infantil. Embora apresentados separadamente, permanecem interligados nas experiências relatadas ao longo da pesquisa.

**Quadro 1** - Cartografia dos territórios produzidos a partir das narrativas docentes

| <b>Território cartografado</b>        | <b>Movimentos observados nas narrativas</b>                                                          | <b>Afetos predominantes</b>                           | <b>Produções de subjetividade</b>                          |
|---------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| <b>O cuidado que transborda</b>       | Ampliação contínua das demandas de cuidado; acolhimento de questões familiares, emocionais e sociais | Responsabilidade, empatia, sobrecarga, exaustão       | Docente como cuidadora multifuncional                      |
| <b>As areias do silêncio</b>          | Invisibilização do sofrimento; ausência de espaços de escuta; individualização das dificuldades      | Solidão, culpa, insuficiência, desamparo              | Interiorização dos problemas e silenciamento do sofrimento |
| <b>Entre o desamparo e a potência</b> | Construção de redes de apoio; vínculos com as crianças; reinvenção cotidiana da docência             | Esperança, pertencimento, reconhecimento, resistência | Produção coletiva de potência e permanência na profissão   |

Fonte: elaboração própria a partir das entrevistas e dos registros do diário de pesquisa.

Os territórios sintetizados no Quadro 1 não emergiram de forma isolada nas narrativas das participantes. Em diferentes momentos das entrevistas, cuidado, sofrimento, reconhecimento e resistência apareciam simultaneamente, compondo experiências marcadas por ambiguidades e tensões. Professoras que relatavam exaustão também descreviam vínculos afetivos significativos com as crianças; aquelas que evidenciavam sentimentos de invisibilidade narravam, ao mesmo tempo, estratégias de



permanência e reinvenção da prática docente. A organização em territórios buscou tornar visíveis algumas dessas forças predominantes, sem desconsiderar os múltiplos atravessamentos que constituem a experiência de ser professora na educação infantil.

## **Território 1 - O cuidado que transborda**

As narrativas produzidas pelas professoras evidenciaram que o cuidado ocupa uma posição central na experiência da docência na educação infantil. Ao acompanhar seus relatos e os registros construídos no diário de pesquisa, tornou-se possível observar que as demandas associadas ao cuidado frequentemente ultrapassam os limites das atribuições pedagógicas formalmente previstas para a profissão. Para além do ensino, as participantes descreveram um cotidiano atravessado pela necessidade de acolher sofrimentos, mediar conflitos, lidar com vulnerabilidades familiares e responder a situações que extrapolam suas possibilidades de atuação.

Ao longo das entrevistas, emergiu de forma recorrente a percepção de que a educação infantil constitui um espaço onde múltiplas expectativas sociais convergem para a figura da professora. Quando uma criança apresenta dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento ou sinais de sofrimento emocional, é frequentemente a docente quem assume a responsabilidade inicial pelo acolhimento, pela escuta e pelos primeiros encaminhamentos. O cuidado, historicamente associado à educação infantil, aparece ampliado por demandas que atravessam diferentes esferas da vida social e familiar, produzindo um alargamento contínuo das funções atribuídas às profissionais.

Uma das participantes sintetizou esse movimento ao relatar:

“Tem dia que eu sinto que sou professora, mãe, psicóloga e assistente social ao mesmo tempo. Quando uma criança chega chorando ou com algum problema em casa, a gente acolhe, mas leva tudo isso junto para dentro da sala.” (Professora 3)

A narrativa expressa o alargamento progressivo das funções atribuídas às docentes e revela como o trabalho emocional passa a integrar de forma permanente o cotidiano escolar. Não se trata apenas de ensinar conteúdos ou acompanhar processos de aprendizagem, mas de sustentar relações afetivas e responder a demandas que atravessam diferentes dimensões da vida das crianças e de suas famílias. O sofrimento relatado não decorre exclusivamente do volume de tarefas, mas da necessidade constante de mobilizar afetos, escuta e disponibilidade emocional diante de situações que frequentemente escapam ao campo pedagógico.

Nesse sentido, as experiências narradas sugerem que o cuidado deixa de operar apenas como uma dimensão da prática docente e passa a constituir uma espécie de imperativo ético da profissão. As professoras são convocadas a responder a demandas que envolvem sofrimento, vulnerabilidade e desamparo, mesmo quando os recursos institucionais disponíveis são insuficientes para sustentar tais respostas. Como argumenta Safatle (2015), determinadas formas de desamparo produzem sujeitos permanentemente mobilizados a acolher e responder ao outro. Nas narrativas analisadas, essa mobilização aparece associada à sensação de que o cuidado nunca se encerra, estendendo-se para além dos limites formais da jornada de trabalho e acompanhando as docentes em seus processos cotidianos de pensar, sentir e agir.

Em outra entrevista, uma professora descreveu a centralidade que a figura docente assume diante das múltiplas necessidades que emergem no contexto escolar:

“Às vezes parece que tudo passa pela professora. Se a criança está triste, se a família está com dificuldade, se existe algum conflito, somos nós que precisamos dar conta primeiro.” (Professora 7)

Nos movimentos cartografados, tal responsabilização aparece menos como uma imposição explicitamente formulada e mais como uma expectativa difusa que atravessa as relações institucionais. O cuidado expande-se para além dos limites da sala de aula, produzindo uma sobreposição de funções que mobiliza tempo, afetos e disponibilidade emocional permanente. As participantes não descrevem apenas um aumento quantitativo de tarefas, mas a incorporação de responsabilidades que exigem envolvimento subjetivo contínuo, tornando cada vez mais difícil estabelecer fronteiras entre compromisso profissional e desgaste emocional.

Essa dinâmica aproxima-se das reflexões de Dejours (1992) acerca do sofrimento no trabalho. Para o autor, o sofrimento emerge quando existe um descompasso entre as exigências dirigidas ao trabalhador e as possibilidades concretas de respondê-las. Nas narrativas das professoras, a tensão não se manifesta apenas na quantidade de demandas, mas na percepção de que determinados problemas exigem respostas que ultrapassam suas condições objetivas de atuação. A sensação recorrente de insuficiência não decorre da falta de compromisso com a profissão, mas da complexidade dos desafios que lhes são continuamente atribuídos.

O território cartografado também dialoga com as análises de Assunção e Abreu (2019), que apontam para a crescente complexificação do trabalho docente e para a ampliação das responsabilidades dirigidas aos profissionais da educação básica. Relatórios recentes da UNESCO (2023) e da Organização Internacional do Trabalho (2022) igualmente indicam que a intensificação do trabalho tem produzido impactos significativos sobre a saúde e o bem-estar dos educadores. Entretanto, nas narrativas aqui analisadas, a sobrecarga não aparece apenas como resultado do acúmulo de tarefas, mas como efeito de uma lógica que posiciona a professora como principal referência para a resolução de problemas que atravessam a vida escolar.

Nas experiências cartografadas, o cuidado emerge simultaneamente como fonte de sentido e de desgaste. Se, por um lado, as participantes reconhecem nos vínculos construídos com as crianças uma das dimensões mais significativas da profissão, por outro relatam a sensação recorrente de que nunca conseguem responder plenamente às demandas que lhes são dirigidas. O cuidado, que constitui uma dimensão fundamental da docência na educação infantil, transborda os limites do trabalho pedagógico e converte-se, muitas vezes, em fonte permanente de responsabilização, tensão e exaustão. É justamente nesse transbordamento que se delineia o primeiro território cartografado: um espaço em que cuidado e sofrimento não se apresentam como experiências opostas, mas como dimensões profundamente entrelaçadas da experiência docente contemporânea.

## **Território 2 - As areias do silêncio**

Se o cuidado transborda, o sofrimento frequentemente permanece silenciado. Ao acompanhar as entrevistas e os registros produzidos no diário de pesquisa, um dos movimentos mais recorrentes observados foi a percepção de que o sofrimento docente raramente encontra espaços legítimos de acolhimento e escuta no interior das instituições escolares. As professoras narraram experiências marcadas pela necessidade constante de adaptação às demandas cotidianas, revelando que, diante das dificuldades enfrentadas, espera-se delas resiliência, disponibilidade emocional e capacidade permanente de responder às exigências do trabalho.

Nas narrativas cartografadas, emergiram sentimentos de solidão, invisibilidade e insuficiência. Muitas participantes descreveram ambientes de trabalho atravessados por relações fragilizadas, dificuldades de diálogo e escassez de espaços destinados à escuta das docentes. Os registros do diário de pesquisa revelam que, mesmo quando equipes gestoras demonstravam preocupação com o bem-estar das professoras, elas próprias encontravam-se submetidas a condições institucionais que limitavam a possibilidade de oferecer suporte efetivo. Assim, o cuidado aparece como uma demanda dirigida às docentes, mas nem sempre como uma prática disponível para elas.

Ao refletir sobre a ausência de espaços para compartilhar as dificuldades vivenciadas no cotidiano escolar, uma das participantes afirmou:

"A gente escuta todo mundo, mas quase ninguém pergunta como a professora está. Quando você fala que está cansada, parece que está reclamando." (Professora 2)

A narrativa evidencia uma dimensão recorrente nos relatos das participantes: a expectativa de que a professora esteja permanentemente disponível para acolher as demandas dos outros, mesmo quando suas próprias necessidades permanecem sem reconhecimento. O sofrimento tende a ser interpretado como fragilidade individual ou incapacidade de adaptação, produzindo silenciamentos que dificultam sua elaboração coletiva. Mais do que ausência de escuta, observa-se a presença de discursos que naturalizam o desgaste docente como parte inerente da profissão, tornando menos visíveis os impactos emocionais produzidos pelas condições concretas de trabalho.

Nesse contexto, as reflexões de Han (2017) contribuem para compreender como determinadas formas de sofrimento deixam de ser percebidas como expressão de problemas coletivos e passam a ser interpretadas como insuficiências individuais. A exigência permanente de desempenho, produtividade e disponibilidade favorece processos de autovigilância nos quais o sujeito tende a responsabilizar-se pelos próprios limites. Nas experiências relatadas, a dificuldade de expressar cansaço, exaustão ou sofrimento aparece frequentemente acompanhada pelo receio de ser percebida como profissional pouco comprometida ou incapaz de responder adequadamente às exigências da função.

Em outra entrevista, uma professora descreveu a maneira como passou a lidar com suas dificuldades emocionais dentro da instituição escolar:

"Eu aprendi a guardar muitas coisas para mim. Não porque não queira falar, mas porque não existe espaço para isso dentro da rotina da escola." (Professora 8)

A fala sugere que o silêncio não decorre apenas de uma escolha individual, mas constitui também um efeito das condições institucionais que atravessam o trabalho docente. Nas experiências relatadas, o sofrimento não se manifesta apenas por meio do excesso de atividades ou da intensificação das demandas, mas também pela percepção de que os esforços realizados permanecem invisíveis ou insuficientemente reconhecidos. O silêncio emerge, assim, como estratégia de adaptação e proteção, mas também como mecanismo que dificulta a construção de redes coletivas de apoio e compartilhamento.

As reflexões de Dejours (1992) ajudam a compreender esse processo ao demonstrar que o sofrimento relacionado ao trabalho tende a intensificar-se quando os sujeitos não encontram reconhecimento para aquilo que realizam. O reconhecimento não atua apenas como recompensa simbólica, mas como condição fundamental para que o trabalhador atribua sentido às experiências vividas. Quando esse reconhecimento se torna escasso, o sofrimento tende a deslocar-se para o âmbito privado, produzindo sentimentos de isolamento e desamparo. Na mesma direção, Codo e Jacques (2002), Gomes et al. (2023), Silva et al. (2023) e Santos (2024) evidenciam que a invisibilização das dificuldades enfrentadas pelos professores constitui importante fator de vulnerabilização psíquica.

A cartografia produzida também permite aproximar essas experiências das reflexões de Safatle (2015) acerca do desamparo. Longe de representar apenas uma condição individual, o desamparo emerge como experiência produzida nas relações sociais e institucionais. Nas narrativas das participantes, ele aparece quando o sofrimento encontra poucas possibilidades de circulação, elaboração ou compartilhamento. As professoras permanecem cercadas por pessoas, demandas e responsabilidades, mas frequentemente relatam a sensação de enfrentar sozinhas os efeitos emocionais produzidos pelo trabalho.

A metáfora da areia mostra-se particularmente potente para compreender essas experiências. Assim como a areia desgasta lentamente as superfícies sobre as quais incide, o sofrimento docente relatado pelas participantes não se apresenta necessariamente sob a forma de acontecimentos extraordinários, mas por meio de pequenos processos cotidianos de desgaste, frustração e desamparo que se acumulam ao longo do tempo. Nas cartografias produzidas, o silêncio aparece menos como ausência de sofrimento e mais como uma de suas formas de expressão, revelando marcas que, embora muitas vezes imperceptíveis, atravessam profundamente a experiência docente contemporânea.

### **Território 3 - Entre o desamparo e a potência**

Embora as narrativas revelem experiências significativas de sofrimento, elas também evidenciam movimentos de resistência, criação e produção de sentido. Ao acompanhar as entrevistas e os registros produzidos no diário de pesquisa, tornou-se possível observar que as professoras não aparecem apenas como sujeitos submetidos às condições adversas do trabalho contemporâneo. Em meio às dificuldades cotidianas, emergem práticas de solidariedade, vínculos afetivos e estratégias que permitem sustentar a experiência docente mesmo diante da sobrecarga e da escassez de reconhecimento institucional.

Nos relatos das participantes, o desamparo frequentemente se manifesta na percepção de insuficiência dos suportes oferecidos pelas instituições para lidar com as múltiplas demandas que atravessam o cotidiano escolar. Entretanto, as mesmas narrativas que evidenciam vulnerabilidades

também revelam movimentos de criação e resistência produzidos nos encontros com as crianças, com as colegas de trabalho e com a própria profissão. A cartografia permitiu acompanhar não apenas os processos de desgaste, mas também as formas pelas quais as professoras produzem condições de permanência diante das adversidades que enfrentam.

Ao refletir sobre os motivos que a mantêm na docência, uma das professoras afirmou:

"O que me faz continuar são as crianças. Tem dias difíceis, mas quando vejo uma conquista delas, lembro por que escolhi essa profissão." (Professora 5)

A narrativa evidencia que os vínculos estabelecidos no cotidiano escolar constituem importantes fontes de sustentação subjetiva. Mesmo em contextos marcados pelo desgaste, as experiências de aprendizagem, desenvolvimento e reconhecimento compartilhadas com as crianças aparecem como acontecimentos capazes de produzir sentido e renovar o investimento afetivo na profissão. Nas entrevistas, esses momentos não surgem como episódios excepcionais, mas como pequenas experiências cotidianas que reafirmam a importância do trabalho realizado e permitem ressignificar dificuldades vivenciadas ao longo da trajetória profissional.

As contribuições de Spinoza (2016) permitem compreender que os afetos não produzem apenas limitações, mas também ampliam as possibilidades de agir dos sujeitos. Nas narrativas das participantes, os encontros com as crianças frequentemente aparecem associados a afetos alegres que fortalecem o vínculo com a profissão e ampliam a capacidade de enfrentar situações adversas. A potência não se manifesta como ausência de sofrimento, mas como possibilidade de produzir sentido mesmo em contextos atravessados por tensões e desafios.

Os registros do diário de pesquisa também revelaram a importância das relações construídas entre as próprias docentes. Em diferentes momentos, as participantes destacaram que o apoio mútuo entre colegas se tornou uma estratégia fundamental para enfrentar as dificuldades do trabalho. Como relatou uma professora:

"A gente cria redes entre nós. Muitas vezes quem sustenta a professora é outra professora. São essas conversas e apoios que ajudam a seguir." (Professora 1)

A fala permite observar que a potência não emerge de atributos individuais ou de capacidades excepcionais de adaptação. Ela se produz nos encontros, nas conversas compartilhadas, nos gestos de apoio e nas formas coletivas de enfrentamento construídas no cotidiano escolar. Nas cartografias produzidas, a resistência manifesta-se menos como enfrentamento heroico e mais como prática cotidiana de partilha, escuta e produção de vínculos.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Deleuze (2002), para quem a potência está relacionada aos encontros que ampliam a capacidade de existir e agir no mundo. Nas experiências relatadas pelas participantes, as relações estabelecidas com colegas e crianças constituem espaços de circulação de afetos que possibilitam deslocamentos diante do sofrimento. Em vez de eliminar as dificuldades, esses encontros produzem condições para habitá-las de outras maneiras, reduzindo o isolamento e ampliando as possibilidades de ação.

O conceito de desamparo, discutido por Safatle (2015), também contribui para compreender a condição compartilhada pelas participantes diante de estruturas institucionais frequentemente incapazes de oferecer suporte suficiente às demandas que enfrentam. Contudo, o desamparo não se apresenta apenas como experiência de fragilidade. Nas narrativas cartografadas, ele também impulsiona a construção de redes de solidariedade e formas coletivas de enfrentamento produzidas no cotidiano escolar. O que emerge não é a superação do desamparo, mas a produção de modos de existência que tornam possível conviver com ele sem sucumbir completamente aos seus efeitos.

Ao mesmo tempo, as reflexões de Han (2017) ajudam a compreender as formas contemporâneas de cansaço associadas à lógica do desempenho permanente. As participantes frequentemente relataram a sensação de nunca fazer o suficiente, mesmo quando dedicavam grande parte de suas vidas ao trabalho docente. Ainda assim, permaneciam investindo afetivamente na profissão e encontrando razões para continuar. Esse movimento revela que a potência não elimina o desgaste; ela convive com ele, produzindo brechas capazes de sustentar a permanência e a criação.

Nesse movimento entre sofrimento e resistência, desgaste e criação, desamparo e potência, emergem as experiências que compõem o terceiro território cartografado. Tal como a areia que se desloca



sem jamais permanecer completamente imóvel, as experiências docentes revelam processos contínuos de reinvenção. Se os territórios anteriores evidenciaram o peso do cuidado e os silêncios produzidos pelo sofrimento, este último território permite reconhecer que, mesmo em contextos marcados pela intensificação do trabalho e pela invisibilização das dificuldades, persistem forças capazes de produzir laços, sustentar a esperança e ampliar as possibilidades de existência na docência contemporânea. Mais do que uma celebração da resistência individual, as narrativas apontam para a importância dos encontros, dos vínculos e das experiências compartilhadas como condições fundamentais para a produção de potência no cotidiano escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação entre a obra *Capitães da Areia* e as experiências narradas pelas professoras da educação infantil permitiu problematizar dimensões do trabalho docente que frequentemente permanecem invisíveis nos discursos educacionais contemporâneos. Assim como as personagens de Jorge Amado habitam territórios marcados por vulnerabilidades, deslocamentos e estratégias de sobrevivência, as docentes transitam por espaços atravessados por exigências crescentes de cuidado, responsabilização e disponibilidade emocional.

As cartografias produzidas evidenciam que o sofrimento docente não pode ser compreendido exclusivamente como experiência individual, resultado de fragilidades pessoais ou dificuldades de adaptação. Trata-se de um fenômeno produzido em redes complexas de relações institucionais, sociais e afetivas que atravessam o cotidiano da educação infantil. O cuidado, apresentado como elemento constitutivo da docência, emerge simultaneamente como fonte de sentido e como dispositivo que amplia responsabilidades, intensifica demandas e produz formas particulares de desgaste emocional.

Os territórios cartografados revelam movimentos que se articulam continuamente. O cuidado que transborda, as areias do silêncio e os encontros que produzem potência não constituem experiências isoladas, mas dimensões coexistentes da vida docente. Se, por um lado, as narrativas evidenciam processos de invisibilização do sofrimento e insuficiência dos suportes institucionais, por outro mostram que a docência permanece sendo um espaço de produção de vínculos, afetos e possibilidades de criação.

As contribuições dos autores permitem compreender que a produção de subjetividades docentes ocorre em meio a disputas, capturas e resistências que atravessam os modos contemporâneos de viver e trabalhar. Nesse contexto, o sofrimento não aparece apenas como efeito das condições objetivas de trabalho, mas como expressão das formas pelas quais os sujeitos são convocados a responder às exigências de desempenho, cuidado permanente e responsabilização individual que caracterizam a contemporaneidade.

A cartografia realizada também permite tensionar perspectivas que reduzem o sofrimento docente a problemas individuais de saúde mental ou competências emocionais insuficientes. Ao acompanhar os processos vividos pelas participantes, tornou-se possível observar que o sofrimento emerge em estreita relação com formas contemporâneas de organização do trabalho, com a ampliação das expectativas dirigidas à escola e com a crescente responsabilização das professoras por demandas que extrapolam o campo pedagógico. Nesse sentido, a principal contribuição deste estudo consiste em evidenciar que as experiências de sofrimento e resistência não se produzem no interior dos sujeitos, mas nas relações que constituem seus modos de existir, trabalhar e cuidar. Reconhecer essa dimensão relacional implica deslocar o debate da adaptação individual para a construção coletiva de condições mais sustentáveis de exercício da docência.

Mais do que denunciar processos de adoecimento, torna-se necessário ampliar as condições coletivas de escuta, reconhecimento e cuidado daqueles que cotidianamente sustentam o trabalho educativo. A questão que atravessa este texto, quem cuida de quem cuida? Permanece aberta. Sua força não reside na busca de respostas definitivas, mas na possibilidade de deslocar o olhar para experiências que, embora frequentemente silenciadas, constituem parte fundamental da vida escolar.



Este estudo não pretende produzir generalizações sobre a experiência docente na educação infantil, mas acompanhar processos vividos por um grupo específico de professoras em determinado contexto institucional. A potência da cartografia reside justamente na possibilidade de tornar visíveis movimentos, afetos e modos de subjetivação que frequentemente permanecem invisibilizados em abordagens centradas exclusivamente em indicadores ou diagnósticos. Novas investigações poderão ampliar esse debate ao explorar diferentes contextos educacionais e outras formas de produção do sofrimento e da resistência docente.

Tal como a areia que se move sem cessar, os territórios da docência permanecem em transformação. Entre marcas de desgaste e gestos de resistência, seguem produzindo modos de existir, cuidar e educar. Nesses deslocamentos, a escola revela não apenas os efeitos do desamparo contemporâneo, mas também a potência dos encontros que insistem em produzir cuidado, reconhecimento e vida em meio às exigências do presente.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; ABREU, Mery Natali Silva. Pressão laboral, saúde e condições de trabalho dos professores da Educação Básica no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, supl. 1, e00169517, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00169517>

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009*. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

CODO, Wanderley; JACQUES, Maria da Graça Corrêa. *Saúde mental e trabalho: leituras*. Petrópolis: Vozes, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOMES, Nayara Ribeiro; CASTRO-DE-ASSIS-SANTOS, Caroline; REZENDE, Bárbara Antunes; DE-MEDEIROS, Adriane Mesquita. Fatores psicossociais do trabalho e o adoecimento de professores: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, São Paulo, v. 21, n. 3, e20221014, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47626/1679-4435-2022-1014>

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. *World employment and social outlook: trends for teachers and education workers*. Geneva: ILO, 2022. Disponível em: <https://www.ilo.org/>

KASTRUP, Virgínia. Escrita cartográfica e a dimensão coletiva da experiência. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 35, e6393, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/riae.2023.80661>

LIMA COSTA, Sandy; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. O uso de diários nas pesquisas em educação no Brasil. *Horizontes, [S. l.]*, v. 42, n. 1, p. e023154, 2024. DOI: 10.24933/horizontes.v42i1.1913

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MAMAN, D. D. No ritmo das marés: cartografia de afetos e subjetividades na docência. **Educação, [S. l.]**, v. 50, n. 1, p. e123/1-25, 2025. DOI: [10.5902/1984644488735](https://doi.org/10.5902/1984644488735). *Educação*, Santa Maria, v. 50, n. 1, e123, 2025.

MAMAN, D. D. No ritmo das marés: cartografia de afetos e subjetividades na docência. **Educação, [S. l.]**, v. 50, n. 1, p. e123/1-25, 2025. DOI: [10.5902/1984644488735](https://doi.org/10.5902/1984644488735). *Educação*, Santa Maria, v. 51, n. 1, p. e73/01-22, 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, Francisco; BARBOSA, Joaquim Gonçalves. Diário de pesquisa, uma forma de narrar. *Crítica Educativa, [S. l.]*, v. 8, n. 2, p. 1-23, 2022. Doi: 10.22476/revcted.v8.id547.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SANTOS, Juliana. Adoecimento psíquico de professores: revisão integrativa (2018-2023). 2024. *Dissertação* (Mestrado em Educação, Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2024.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SAWAIA, Bader Burihan (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Jerto Cardoso da et al. *Saúde mental, adoecimento e trabalho docente: uma revisão da literatura*. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 27, e242262, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262>

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

UNESCO. *Global report on teachers: addressing teacher shortages and transforming the profession*. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: <https://www.unesco.org/>

**Submetido:** XX/XX/20XX

**Preprint:** XX/XX/20XX

**Aprovado:** XX/XX/20XX

**Editor de seção:**

## **DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS**

Os dados estão disponíveis no corpo do texto do artigo conforme declarado no Formulário de Conformidade com a Ciência Aberta).

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA**

Autora: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Obtenção de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita: rascunho original, Escrita: revisão e edição.

## **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

A autora declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

## **DECLARAÇÃO DE USO DE IA**

Durante a preparação deste manuscrito, foi utilizada a ferramenta de Inteligência Artificial ChatGPT, da OpenAI, para apoio à revisão linguística e técnico-gramatical do texto e para auxílio na elaboração da Figura 1, de caráter ilustrativo e conceitual. Todo o conteúdo produzido com apoio da ferramenta foi integralmente revisado, editado e validado pela autora, que assume total responsabilidade pelo conteúdo, pela interpretação dos dados, pelas análises e pela versão final do manuscrito.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.